

A representação do eu na vida cotidiana (obra)

Escrito por: Diogo Barbosa Maciel e Gustavo dos Santos Berbel

Publicado em: 17/12/2015

A Representação do eu na vida cotidiana (1959) é o primeiro e um dos mais conhecidos livros do sociólogo canadense [Erving Goffman \(1922-1982\)](#). Nele, o autor propõe uma abordagem microssociológica para interpretar a vida social a partir de uma análise das interações face a face, lançando mão de vocabulário e perspectiva provenientes do teatro. O livro se ampara no material de sua tese de doutorado, fruto de pesquisa etnográfica junto a uma comunidade agrícola nas Ilhas Shetland, e em uma miríade de outros exemplos extraídos da vida cotidiana.

Nos sete capítulos que compõem a obra, o autor observa pequenos detalhes das interações humanas. A vida social é compreendida como um palco em que se encenam papéis sociais diversos, de modo que o indivíduo não é o mesmo em todas as circunstâncias: se ele for um policial e estiver em período de trabalho, por exemplo, utilizará um vocabulário específico, diferente daquele empregado quando está em sua casa e cumpre os papéis de pai e marido, ou quando encontra amigos para uma partida de futebol. Goffman parte do pressuposto de que uma interação, ou seja, a influência recíproca dos indivíduos em contato, é estabelecida de acordo com uma definição prévia de hierarquias, papéis e expectativas envolvidas em cada encontro. Uma vez negociado e compreendido o que está em jogo em uma dada interação, o indivíduo passa a gerir a apresentação do seu Eu (*Self*) em relação às impressões anteriormente estabelecidas, com vistas a alcançar objetivos formulados previamente, de maneira consciente ou não. Desse modo, cada interação social se estabelece de acordo com os atores (reunidos ou não em equipes), com a plateia, e com as expectativas estabelecidas entre eles.

O vocabulário do teatro serve à compreensão da capacidade expressiva que permite ao indivíduo passar uma determinada impressão. Tal expressividade envolve duas

espécies diferentes de recursos significativos: aqueles que o ator “transmite” e aqueles que ele “emite”. Os primeiros são os símbolos verbais utilizados para veicular a informação; os segundos, caros ao argumento do livro, dizem respeito a aspectos corporais, não verbais e contextuais, propositais ou não, envolvidos na interação. Muito além do que é dito por um chefe de Estado, por exemplo, espera-se dele certa atitude corporal e um modo de se apresentar em público condizentes com a posição que ele ocupa. A não observação dessa etiqueta pode causar embaraços. Assim, a representação ou *performance* elaborada previamente nos bastidores e executada por meio da mobilização dos diversos equipamentos expressivos corre riscos caso a cooperação entre o ator e seus observadores seja perturbada por impressões emitidas sem intenção prévia, podendo gerar assimetrias, constrangimentos ou mal-entendidos. Por esse motivo, os pressupostos precisam ser negociados tanto antes quanto no curso da interação. O indivíduo emprega estratégias para a manutenção de uma impressão aceitável para si e para o observador em uma dada situação, como quando um professor assume uma postura firme no primeiro dia de aula para denotar autoridade que, a depender da situação, pode ser negociada posteriormente.

Goffman denomina “fachada” o equipamento expressivo de tipo padronizado e fixo mobilizado pelo ator antes e ao longo da interação. A fachada compreende o cenário que serve de palco ao desenrolar da ação, e a “fachada pessoal”, que envolve a aparência, cuja observação revela o status social e o tipo de atividade a que o ator se dedica em um determinado momento, e a maneira, que são estímulos e comportamentos como humildade, agressividade, submissão ou arrogância, que informam sobre os papéis cumpridos em cada situação. É preciso que exista uma coerência entre as duas características da fachada pessoal para que a comunicação seja bem sucedida, de forma que, enfatizando certos aspectos em detrimento de outros, o indivíduo transmita consciente ou inconscientemente a impressão desejada.

Este conjunto de preocupações faz com que Goffman seja frequentemente associado ao interacionismo simbólico – corrente à qual se associam os nomes de Herbert Blumer (1900-1987) e George Herbert Mead (1863-1931) – em virtude de sua formação na Escola de Chicago e de sua ligação com a obra de Georg Simmel (1858-1918). Mas em *A Representação do eu na vida cotidiana*, ainda que atento às interações cotidianas, o autor aponta para possibilidades de análise em nível macroestrutural, fato que, segundo alguns de seus estudiosos, o distanciaria de uma filiação interacionista estrita. Para além de classificações, a abordagem do autor faz com que ele seja lido por antropólogos, psicólogos, teóricos da comunicação e da dramaturgia.

COMO CITAR ESTE VERBETE

MACIEL, Diogo Barbosa & BERBEL, Gustavo dos Santos. 2015. "A representação do eu na vida cotidiana". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/obra/representação-do-eu-na-vida-cotidiana>>

ISSN: 2676-038X (online)

PALAVRAS-CHAVE

ciências sociais norte-americanas; ação; corpo; expressão; interação; performance

BIBLIOGRAFIA

BERGER, Bennett M., "Prefácio da edição brasileira" In: E. Goffman, E. *Os quadros da experiência social: Uma perspectiva de análise*, Tradução de Gentil A. Tilton. Petrópolis, Vozes, 2012

MACIEL, Diogo Barbosa & BERBEL, Gustavo dos Santos. 2015. "A representação do eu na vida cotidiana". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/obra/representação-do-eu-na-vida-cotidiana>>. ISSN: 2676-038X.

CASTEL, R. COSNIER, J. & JOSEPH, I. (ed), *Le parler frais d'Erving Goffman*, Colloque de Cerisy, Paris, Les Éditions de Minuit, 1969

FRÓIS, C.O., “A Reinvenção do Eu Através do discurso: narrativa, estigma e anonimato nas famílias anônimas”, *Mana*, Rio de Janeiro, Museu Nacional, vol.13, n. 1, 2007, p. 63-84

GASTALDO, E., *Erving Goffman, desbravador do cotidiano*, Porto Alegre, Tomo editora, 2004

GOFFMAN, E., *The presentation of self in everyday life*, EUA, Anchor Books Edition, 1959 (Trad. Bras. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 2005, 13ª Edição)

GOFFMAN, E., *Asylums: Essays on the Social Situation of Mental Patients and Other Inmates*, Nova York, Anchor Books edition, 1969 (Trad. Bras. Dante Moreira Leite. São Paulo, Perspectiva, 1974)

GOFFMAN, E., *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience* (Trad. Bras. Gentil A. Tilton. Petrópolis, Vozes, 2012)

GOFFMAN, E., *Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity*, London, Penguin, 1963 (Trad. Bras. Márcia B. de M. Leite Nunes. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983)

MARTINS, C. B. C. *et alli*, “Dossiê Goffman”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 23 n. 68, São Paulo, ANPOCS, 2008

MACIEL, Diogo Barbosa & BERBEL, Gustavo dos Santos. 2015. "A representação do eu na vida cotidiana". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/obra/representação-do-eu-na-vida-cotidiana>>. ISSN: 2676-038X.